

1612

v.3

Relatório Parcial

Projeto: O que se deve saber sobre creches

Dotação nº: 800-0846

Período: 1983

Equipe: Maria M. Campos

Regina P. Pinto

Fúlvia Rosemberg

Diante da tarefa de redigir o relatório parcial sobre o projeto "O que se deve saber sobre creche" discutimos qual seria a postura mais adequada: ou apresentarmos um rol organizado das atividades desenvolvidas, devidamente acompanhado de anexos contendo as produções do período; ou refletirmos um pouco sobre o percurso que temos seguido, tentando transmitir a lógica implícita que nos tem orientado. Optamos por esta última solução, muito menos como justificativa de uma aparente desordem nesse percurso, mas muito mais para transmitirmos aspectos de nossa experiência que tanto poderão fornecer subsídios a outros pesquisadores quanto ao pessoal técnico encarregado de avaliar projetos equivalentes ao nosso.

Talvez, o que tenha sido para nós inabitual na realização deste projeto, e que transparece desde a carta de intenções inicialmente enviada à Fundação Ford, é a procura de uma postura flexível frente às demandas, ou para sermos menos assertivas, frente à percepção que temos tido das demandas no que se concerne à questão das creches. A particularidade deste projeto (e o que a nível pessoal gera por vezes ansiedade) é o fato de não nos colocarmos rigidamente um

plano detalhado, onde os conteúdos e a forma de apresentar esses conteúdos sobre creche estivessem todos previstos. Ao contrário, desde o início, tanto conteúdos quanto forma de coleta ou apresentação, foram sendo selecionados à medida em que percebíamos uma demanda de grupos, instituições ou mesmo pessoas lidando com a questão da creche no Brasil. Desta forma, nossas ações foram seguindo direções nem sempre anteriormente previsíveis e, outras vezes, ações previstas não foram realizadas na seqüência estipulada, porque outras demandas, que nos pareciam às vezes mais urgentes ou tinham sido provocadas por nossa própria ação, surgiam e foram por nós respondidas (1). O que teria originado esta nossa postura flexível? Tem sido ela a mais adequada para responder às necessidades do tema? Não teria sido possível manter uma certa flexibilidade mas atuar dentro de limites mais previsíveis e palpáveis?

Provavelmente em outro momento histórico e em outro contexto social — com uma tradição acadêmica ou política que permitisse respaldar a reflexão sobre o tema creche — fosse possível desenvolver um projeto com postura ao mesmo tempo flexível e relativamente orientada. Ora, no Brasil, apesar da reivindicação por creche ter crescido nos últimos 10 anos, o tema ainda não tinha se constituído globalmente como objeto de estudos acadêmico ou de reflexão política. Ou seja, a questão da creche custou para ganhar contornos próprios, autonomia enquanto tema. Por isso mesmo, seu estudo ressentiu-se da falta de um instrumental mínimo de análise que fosse adequado a esta identidade temática, só aos poucos percebida e construída enquanto objeto de conhecimento. Como exemplo, no campo educacional, inicialmente e ainda agora, a creche é um tema marginal em relação a outro tema também marginal, que somente há pouco tempo ganha

autonomia, que é a pré-escola.

A questão vinha sendo tratada quase que exclusivamente a nível de reivindicação ou denúncia sendo ainda considerada como tema marginal, pouco relevante para setores ligados à área da Educação. Os trabalhos mais substantivos — de quaisquer naturezas — mesmo a nível de diagnóstico — praticamente inexistem e, mais ainda, não se tinha nem consciência clara sobre as questões pertinentes a serem indagadas: nem nós, da equipe da Fundação Carlos Chagas, nem outras equipes ou grupos. Desse modo, cada questão prática levantada, ou cada problema posto, seja pelos grupos reivindicando creche seja pelas instituições governamentais, não encontrava um acervo conceitual ou de informações capaz de gerar respostas prontas, o que provocava a cada vez, um investimento de tempo na busca de subsídios para respostas (2).

Esta carência de reflexão acadêmica e política mais substantiva em torno da reivindicação por creches transparece, também, no pequeníssimo número de grupos ou equipes que vem debatendo a questão de forma constante seja a nível acadêmico, seja dentro dos partidos e grupos políticos ou de movimentos sociais. A nível acadêmico, por exemplo, contamos na verdade com três equipes de pesquisa (Universidade Federal de Minas Gerais; Universidade de São Paulo — Ribeirão Preto), grupos que se formaram neste mesmo período que o nosso e com quem temos procurado interagir, sempre que possível.

Destes fatos têm decorrido duas conseqüências para nosso trabalho: falta de apoio conceitual e de informação, que nos pudessem auxiliar como suporte ou ponto de partida; freqüência com que temos sido contatadas por grupos e instituições bastante diversos, seja para trabalhos de assessoria, seja para palestras ou cursos, ou

para outras atividades as mais diversas que vão desde orientação informal de tese, até facilitar o uso de equipamentos (VT, filmes, bibliografia) a grupos de população trabalhando e produzindo materiais sobre creche. Isto é, o fato de oficialmente existir na Fundação Carlos Chagas uma equipe trabalhando com a questão da creche fez com que, para cá convergissem solicitações de diversas naturezas. Complementarmente, as ações que temos desenvolvido geram a percepção de novas necessidades e que têm se concretizado em novas solicitações(3). E finalmente, estas atuações vão modificando nossas percepções sobre este campo, provocando uma reavaliação das necessidades e conseqüentemente de nossos objetivos(4).

Em conclusão, estes três anos de atividades em torno do tema creche permitiu que se criasse o germe de um núcleo na Fundação que vem trabalhando sobre o tema de forma contínua, que ao mesmo tempo recebe e difunde informações e um corpo conceitual relativamente articulado através de diferentes tipos e modalidades de ação. É como se o financiamento da Fundação Ford tivesse possibilitado a gestação desse núcleo, oficializado pela existência de uma verba inicial. Esta oficialização acarretou não apenas um reconhecimento interno à Fundação Carlos Chagas (com conseqüências positivas na incorporação da problemática feminina à área da educação), mas também de instituições externas, inclusive agências financiadoras de projetos. Assim é que, desde o início procuramos envolvê-las na questão solicitando complementação de financiamento para a realização dos projetos: à PATHFINDER para realização do Encontro Nacional de Creches; à Prefeitura de Piracicaba para a realização do encontro de pajens; ao CNPq para a realização do jornal da creche e do video-tape "Eu sou pajem".

O envolvimento de outras agências no financiamento possibilitou que "esticássemos" ao máximo a duração do projeto inicial (e que desenvolvêssemos uma ação contínua) ao mesmo tempo que permitiu "infiltrar" o tema, sensibilizando setores ainda distanciados.

Esta estratégia de difusão/sensibilização, no intuito de alertar sobre a importância do tema, não se restringiu a agências financiadoras, mas se estendeu aos mais variados setores. Isto ocorreu, por exemplo: na inclusão de técnicos de órgãos governamentais enquanto observadores no Encontro Nacional de Creches (CNPq, MEC, MTb); na apresentação de trabalhos sobre creche em encontros, seminários, publicações que aparentemente não teriam vinculações com o tema (ANPOCS, capítulo sobre creche no livro sobre Educação da Mulher no Brasil); no incitamento a editoras a publicarem textos brasileiros ou traduzidos sobre a questão (Editoras Global e Brasiliense), e até mesmo na proposta à Ciranda dos Livros (programa de difusão de livros para crianças) de estender sua ação para a faixa etária atendida pelas creches e pré-escola. Se essa diversidade de atuações nos pareceu estrategicamente importante, ela acentua ainda mais a aparente dispersão que vem caracterizando nosso trabalho. O que não deixa de nos suscitar inquietude, não apenas quanto à prestação de contas frente à agência financiadora, mas principalmente de ordem ética. Dito de outra forma, esta dispersão de atividades não teria refletido uma incompetência inicial da equipe?

A resposta seria afirmativa se tivéssemos nos contentado com um recorte relativamente estático do tema e que levasse em conta apenas os aspectos políticos, ou educacionais, ou psicológicos ou econômicos da questão da creche. Ora, à medida em que vamos traba-

lhando, vamos percebendo muito claramente a interligação dos vários aspectos na proposta de qualquer intervenção, junto com a necessidade de nos colarmos o máximo possível ao concreto, o que significa, de certa forma, aprender fazendo. Além das produções realizadas no período, é sensação nossa que a equipe se capacitou no sentido de estar apta, hoje, a delimitar esse objeto de estudos e de trabalho de modo integrado e bastante próximo do concreto.

...anos previ  
com base em co  
...odo fomos so  
que canalizara  
1º semestre, a  
um diagnóstico  
...os 1 e 2); b)  
...oras, da Comi  
zada pela Câma  
da preparação  
ção e acompanh  
parcial (Anexo

— Por exemplo, d  
ção por creche  
rada aos progr  
processo de di  
veis, surgiu c  
domiciliares e  
alguns problem  
de atendimento  
tais problemas  
discussões par  
de sua publica

... a produção de materiais  
...nte 1982. Ora, nesse pe-  
...is tipos de assessoria  
... trabalho no ano: a) no  
...to para o CNRH contendo  
...anças no país (vide Ane-  
...icipação, enquanto asses-  
...ito sobre creches, organi-  
...lo e que consistiu, além  
...exos 3 e 4) na organiza-  
...redação de um relatório

...bral de 1982 a reivindica-  
...cada por grupos e incorpo-  
...icos. Posteriormente, no  
...dades de atendimento viã-  
...ta de extensão de creches  
...anteriormente, percebido  
...rrentes desta modalidade  
...odo, na elucidação de  
...receu subsídios tanto a  
...os de mulheres através

3 - Por exemplo, do Conselho de Creches, realizado em 1981, surgiu a ideia de um livro com participantes que na época assessorava um Conselho Municipal de Creches em Piracicaba (São Paulo), para que fosse publicado no Jornal da Creche do Estado de Pajens para publicação como suplemento.

4 - A realização do trabalho permitiu-nos documentar, de modo flagrante, as negociações entre as crianças e as crianças. E permitiu-nos sensibilizarmos o Coletivo de Educadoras sobre a situação das crianças: da qual se encontram relativamente distantes.

junto à faixa etária de

sões realizadas em 1983

o prevista para 2ª quinzena do objeto de projeto enviado (p. 6).

do sob forma de folheto.

o 7) - a ser publicado em sobre Educação Pré-Escolar

e uma política de atendimento do menor  
revisito para publicação como suplemen-  
Formato Jornal da Creche

encaminhado para publicação

rito sobre Creches. Documentos:

e 0 a 6 anos no Município de São Paulo

er público junto à faixa etária de 0

ão às 7 sessões realizadas em 1983

1983. Edição prevista para 2<sup>a</sup> quinzena de  
ches foi objeto de projeto enviado à  
ro - anexo 6).

er publicado sob forma de folheto.

che" (anexo 7) - a ser publicado em  
especial sobre Educação Prê-Escolar.

ANEXOS

VT (VHS — 20')

EU SOU PAJEM — (PRÉ-ROTEIRO)

#### I) OBJETIVOS

1. Estimular a discussão sobre o papel da pajem;
2. propiciar a identificação da pajem com outras que executam o mesmo trabalho;
3. contribuir para a construção de uma identidade profissional.

#### II) TOM (OU ESTRATÉGIA)

1. Narrativa linear;
2. linguagem mais próxima possível da televisão;
3. impacto emocional (na música, situações etc.).

#### III) PRELIMINARES

1. A idéia é tomar as 24 horas do dia de uma pajem — desde sua casa de manhã até sua casa de noite.
2. Estas 24 horas serão vividas por pajens diferentes (idades, cor-etnia, ciclo de vida e tipo de creche) que se revezarão em sistema "coringa".
3. Esta rotina diária será cortada por cenas do encontro de Pira cicaba onde elas refletem sobre seu trabalho.

4. Durante a seqüência normal da rotina do dia uma voz off narra um depoimento sobre a vida das pajens — quem são, quanto ganham etc. (vide depoimento).
5. A música a ser usada será do repertório das pajens.

#### IV) CENAS

- preparando saída (de preferência pajem com filho) — seja alimentação, seja trocando o filho;
- o trajeto — a pé ou de ônibus — deixando o filho aonde fica, ou levando consigo para a creche;
- chegada na creche — uniforme, ponto, contato com as outras e direção;
- recebendo as crianças — as mães que chegam, a sacola, a inspeção para ver se tem roupa certa, se não tem piolho;
- atividade pedagógica e recreativa com as crianças — rodas — idades diferentes;
- atividade rotineira na creche — limpeza, arrumação de objetos;
- alimentação das crianças — mamadeira, contato corpo a corpo;
- atividade de limpeza das crianças — pinico, limpando cocô, trocando fralda, vestindo. Contato corpo a corpo quando existir;
- componentes afetivos — amor e ódio — contato e repulsa;
- alimentação da própria pajem;
- atividade burocrática se houver — preenchimento de ficha;
- atividade ligada a remédio e cuidar da saúde — curar ferimento se houver;

- atitude durante briga, choro, manifestação afetiva: penteia, pega no colo, passa a mão, acarinha, beija;
- relação entre os adultos que trabalham na creche — avisos, conversas, auxílios, contato físico se houver;
- varal com roupa de criança; lavar e passar fraldas; máquina de lavar; caldeirões de comida; pilhas de prato; mesas postas; mesas sujas depois da comida;
- cena de afeto ou contato físico pajem e homem;
- momentos usados para planejar as atividades pedagógicas, ou treinamento etc. etc.;
- relação com as mães.

#### V) METODOLOGIA

- Discussão pré-roteiro com cineasta.
- Observação nas creches.
- Discussões com equipe "Olhar Eletrônico".
- Material bibliográfico de apoio à equipe "Olhar Eletrônico".
- Acompanhar filmagens.
- Avaliar filmagens após cada dia de tomada.
- Rever material bruto.
- Selecionar cenas.
- Selecionar sons.
- Edição.